

Pressão dos governadores

Os governadores do PMDB reúnem-se hoje com o poderoso presidente Ulysses Guimarães para solicitar-lhe que autorize a Comissão do Orçamento a reduzir de 25 para dez por cento o pagamento, no próximo ano, da dívida externa dos Estados. Bateram na porta certa porque ele detém o controle do Congresso, quanto mais da inoperante Comissão do Orçamento. Não agiram bem, porém.

Em termos políticos criaram-lhe uma situação difícil porque o dr. Ulysses, em plena campanha presidencial, não pode apresentar-se à Nação em oposição ao esforço que o Governo, liderado pelo ministro do Planejamento, está fazendo para combater o déficit público. Basta-lhe ter de responder pelo divertido Plano Cruzado, que deu a vitória nas eleições ao PMDB mas arrasou a economia nacional por décadas. A vertiginosa inflação atual, que a cada mês bate novos recordes, é uma consequência de um plano de cuja responsabilidade o PMDB não se livrará.

Esse confronto ostensivo com o Governo não interessa ainda ao dr. Ulysses, cujo partido mantém dezessete ministros — pelo menos possuem a carteirinha do PMDB — e milhares de cargos secundários. Apoiando os governadores contra a política econômica do ministro do Planejamento, que recebe as mesmas críticas de Joaquim Murinho, o dr. Ulysses se posicionará contra a austeridade nos gastos públicos, o que será altamente prejudicial a sua candidatura. Dará a impressão de que, como os

pessedistas no passado, fundamentará suas esperanças mais na máquina estatal do que na "Constituição Coragem", com a qual pretende sensibilizar o País. Seria uma injustiça supor isso.

Os governadores podem, como é nosso costume, queixar-se que essas dívidas não foram contraídas em suas gestões e jogar a culpa nos antecessores. Podem, apesar do argumento contestável. Ainda que todos os governadores estivessem preocupados em salvaguardar o erário, a começar pela contenção de despesas desnecessárias, não seria válido. Contudo, não é assim. Em São Paulo, o mais rico, está sendo construído, sem concorrência, um "Memorial para a América Latina", que já gastou Cz\$ 6 bilhões, e no Piauí, em notórias dificuldades financeiras, fala-se em praia artificial no Poti e até em torre para ver discos voadores.

Como o ano é eleitoral e a questão é política, os governadores precisam de dinheiro porque do contrário não se elegem para o Senado nem os secretários chegam à Câmara, o dr. Ulysses precisará de todo o seu inegável talento para agradar aos governadores sem hostilizar o Presidente. Isso não será difícil. A Comissão do Orçamento está pronta para cumprir suas determinações. Afinal, ela já deu mostras de sua capacidade quando, antes de discutir realmente o orçamento, tratou de restabelecer as subvenções dos parlamentares. Uma concessão a mais não terá importância.